

Missa do Galo

Izadora de Castro

(Turma 302)

Naquela época, minha família era pequena, apenas meu marido e eu, minha mãe e duas escravas. Nossa casa era assobradada e tínhamos velhos costumes como o de deitarmos às dez da noite e adormecer às dez e meia.

Meu marido, Meneses, era escrivão e eu havia casado aos 27 anos em pura obrigação, afinal, 27 anos para se casar naquela época era demais.

Meneses mantinha relações com uma senhora separada do marido pelo menos uma vez ou duas por semana. Saía à noite, dizendo que ia ao teatro e só voltava na manhã seguinte. Pouco me importava, na verdade, meu casamento sempre foi de uma aparência incrível e era apenas isso que eu precisava manter. A aparência de um casamento perfeito.

Ah, sim! Desculpe! Meu nome é Conceição. Eu era magra, desculpe a modéstia, mas era uma moça linda. Mantinha a expressão de felicidade, supostamente nada me abalava ou atingia aos 30 anos de idade. Chamavam-me até de "santa". Meu rosto sempre singelo mostrava-me sem ódio, tampouco amor. Nada de tristeza, alegria, lágrimas ou sorrisos. Eu apenas respirava e mantinha o traje vestido por mim mesma de mulher obediente.

Alguma vez, não me lembro da data, um primo da ex-esposa de meu marido foi passar uns tempos em nossa casa para estudar preparatórios. Bom rapaz, inteligente, culto e bonito. Nogueira era seu nome. Nogueira, sempre interessado em coisas novas e aprendizados, veio de Mangaratiba para o Rio de Janeiro e, na noite de Natal, decidiu apreciar e conhecer a Missa do Galo da Corte. Marcou com um vizinho de accordá-lo no horário, para não perderem um minuto sequer daquela cerimônia. Ali ficou Nogueira, sentado à sala com um livro entre as mãos, aflito olhando as horas passarem, afinal, toda a casa direcionava-se aos seus quartos às dez horas, já a missa era à meia noite.

Naquela noite, recordo-me de perder o sono, sem saber por quê e então resolvi ir à cozinha tomar um copo d'água. Passando pela sala, lá estava ele, sozinho. Não me contive, e, cuidadosa para não o assustar, andei pé ante pé até chegar mais perto. Concentrado estava ele, acabei desviando sua atenção quando parei na porta do corredor.

- Ainda está aqui? - perguntei.

- Boa noite Dona Conceição, parece-me que ainda não são meia noite. - disse ele com a voz grave, parecia receoso.

- Quanta vontade, tudo isso para uma missa.

Eu adorava minhas chinelinhas de ancova e andava com ela para lá e cá, também vestia um roupão branco amarrado na cintura. Sentei-me na cadeira que ficava à sua frente e ele fechou seu livro, parecia gostar de companhia.

- Me desculpe, eu lhe acordei fazendo barulho? - perguntou-me cheio de vergonha.

- Ah, claro que não! Não se preocupe, apenas perdi o sono. - respondi tentando acalmá-lo.

- Já deve estar quase na hora da missa, estou ansioso.

- Você é um menino ótimo para esperar acordado à essa hora enquanto o vizinho dorme, ainda mais aqui, sozinho e no escuro. Fiquei receosa de que você se assustasse ao me ver. O que está lendo? Pela capa me parece o romance dos Mosqueteiros. Correto?

- Sim, eu o acho lindo! Gosto muito de romances.

Logo percebi que Nogueira queria mesmo era um espaço e companhia para falar. Conversamos sobre diversos assuntos, a maioria deles envolviam livros. O rapaz começou a ficar um pouco preocupado.

- Dona Conceição, acredito que já esteja na hora e eu vou indo. - levantou em um só pulo como se precisasse fugir de algo.

- Não, acalme-se. Ainda são onze e meia, tem tempo! - tentando para que ficasse mais uns minutos.

Afinal, eu também queria apenas uma companhia, uma boa conversa, um pouco de atenção. Sentia-me muito sozinha e dificilmente tinha um diálogo produtivo daquela forma. Querendo que ele ficasse, fui entrando em assuntos cotidianos e inventando motivos para que pelo menos por alguns minutos a mais eu ganhasse atenção. E cedesse atenção para ele.

- Você não fica cansado de dia se não dormir à noite? - estava realmente interessada.

- Faço isso com frequência.

- Eu jamais consigo, se perco uma noite preciso dormir pelo menos meia hora na próxima tarde. Fico acabada. Acho que estou realmente um pouco velha, a idade chega. - sorri.

- Que? Velha? A senhora? - espantado com meu comentário o menino quase deu um salto da cadeira.

Naquele momento não contive as risadas, fiquei contente e levantei-me para dar uns paços, mas o interesse nos assuntos de Nogueira não acabava.

- Você nunca foi na Missa do Galo da corte?

- Não, estou um pouco ansioso, aqui tudo parece mais luxuoso e bonito. Menos as festas de São João e Santo Antônio.

- É uma missa comum, igual à da roça. - não sabia mais o que dizer.

Apreciei e fiquei encantada com a forma que o rapaz falava de sua cidade, seus costumes, seu jeito simples de viver. Sentei-me novamente, espalmei as mãos no rosto e ali fiquei por uns minutos apenas ouvindo-o falar.

- E a senhora? Sua vida aqui, como é? - parecia-me interessado.

- Aqui? É calmo, sem companhia, sem barulhos. Às vezes, até sem marido. - dei um sorrisinho irônico e ele pareceu assustado.

O assunto foi crescendo e eu estava adorando aquilo tudo, Nogueira também parecia gostar da companhia. Fiquei feliz, depois de uns anos algo me deixou realmente feliz. Fui ficando sonolenta e me levantei para não perder nenhuma parte da conversa.

- São bonitos esses quadros Dona Conceição. - disse ele com os olhos fixos nas paredes.

- São realmente bonitos, mas eu os detesto. Não são apropriados para uma casa de família, já pedi para o Chiquinho trocar mas ele mal me escuta.

Chiquinho é meu marido, apelidei assim para me sentir mais à vontade. Os quadros são sobre o trabalho de Chiquinho. Um representava a Cleópatra, o outro é apenas uma mulher. Vulgares, os dois parecem quadros para se colocar em parede de barbeiro ou boteco. Uma casa de família, definitivamente não.

- Você reza? Tem fé? Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha

madrinha, mas não é um quadro, é uma estátua, não posso colocá-la na parede, e também, nem existe como. Estes quadros são para paredes de barbeiro. - ressaltei.

- De barbeiro? A senhora nunca foi ao barbeiro.

- Nunca fui, mas imagino que os homens falem sobre namoros e mulheres. Seria um belo atrativo, você não acha?

Nogueira ficou um tempo quieto pensativo e ali se foi nossa conversa, logo chegava seu amigo gritando pela rua.

- Missa do Galo! Já está na hora!

- Aí está seu companheiro. Corra! - disse apressando-o para não perder nenhum segundo.

- Mas já...

- Que graça, você que ficou de acordá-lo e ele que te apressa! Vá, já são horas! - não o deixei completar a frase para que não entrássemos em outro interessante assunto.

Voltei para o quarto e ali fiquei por uns minutos pensativa, lembrando do quanto é bom ter uma companhia para jogar conversa fora até pegar no sono.

Na manhã seguinte, Nogueira parecia contente com a missa, contou para os presentes à mesa como tinha sido sem ao menos tocar no assunto de nossa conversa. O dia foi comum, calmo e tedioso.

Dias depois, Nogueira voltou para sua terra e eu jamais o vi outra vez.

O tempo passou, Meneses, meu marido, faleceu de apoplexia e eu, em busca de companhia, carinho ou ao menos atenção, casei-me com o escrevente de meu falecido marido; quem sabe dessa vez não seja só uma aparência?!